



Fotoquaselances: potências trans na divulgação científica em instalações

SUSANA OLIVEIRA DIAS

ELENISE CRISTINA PIRES DE ANDRADE

ALIK WUNDER

CARLOS VOGT

Resumo

Fotografias, palavras, dados, jogos e outros autores propondo outros entendimentos e pesquisas no que comumente se denomina divulgação científica, investindo no movimento de produção de sentido nas superfícies, acompanhando a filosofia de Deleuze. Fotografias de intervenções do projeto *Biotecnologias de rua*. Fotoquaselances em transversos, transfigurações, transgressões. Potência do *trans*. *Trans*-formações que ressoam em nossas formas de pensar nas/com/pelas imagens-biotecnologias. *Escritas* pesquisas a pretender uma potência de levar as ciências para além: dos seus limites; do que está dado; das fixações identitárias; das lógicas de oposição e exclusão.

Palavras-chave:

Fotografia, divulgação científica, pós-estruturalismo

Abstract

Photographs, words, data/dice and games offering other agreements and researches in which commonly is called scientific divulgation, investing in the movement of production of meaning in the surfaces, following Deleuze's philosophy. Photographs of interventions belong to the project *Bioteχνologias de rua*. Photo almost launch in *transverses*, *transfigurations*, *transgresses*. Power of *trans*. Transformations that resound in our forms to think about in the/*with*/*across* the biotechnologies-images. Writingsresearches's intending a power to take sciences for beyond: of its limits; of what it is given; of the fixation's identities; of the logics of opposition and exclusion.

Keywords:

Photography, scientific divulgation, post-structuralism

Instalação 1: “Brasil todo, congele”¹

Fotografias, palavras, dados e jogos compõem, acompanhados de uma imensa variedade de autores/compositores que proliferam desde 2006 nas invenções de um grupo multidisciplinar vinculado ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Faculdade de Educação (FE), ambos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e ao Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). São propostas de pesquisa, ação e intervenção que fazem parte dos projetos: *Bioteecnologias de rua*, financiado pelo CNPq; *Num dado momento: bioteecnologias e culturas em jogo*, financiado pela Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac/Unicamp); *Um lance de dados: jogar/poemar por entre bios, tecnos e logias*, financiado pelo Ministério da Educação e Ministério da Cultura, no edital Proext 2008; e o recém-aprovado *Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabulação: o que pode a divulgação científica* no Edital Universal do CNPq, (MCT/CNPq Nº 14/2009).

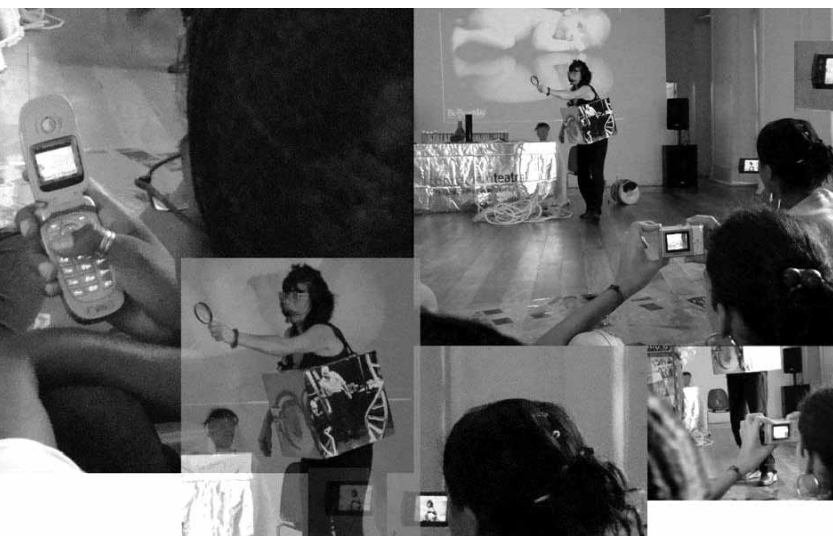


Figura 01 - Fotografias de Alik Wunder e montagens de Elenise Andrade

Nesses projetos, interessa-nos pensar com/nas/pelas imagens-bioteecnologias produzidas e espalhadas pelos mais diversos veículos: jornais, revistas, filmes, quadrinhos além de nossas produções imagéticas proporcionadas por fotografias e fotomontagens produzidas pelo próprio grupo. Nesses projetos, as imagens, simultaneamente, tornam-se objetos de divulgação,

1. Campanha publicitária do laboratório CordCel, que estimula e oferece o serviço para as famílias congelarem o cordão umbilical dos bebês: “O nascimento do bebê é um momento único e o sangue do cordão umbilical - que seria normalmente descartado após o parto - se preservado, poderá ser utilizado no tratamento de doenças graves, dentre elas a leucemia”. Disponível em: <http://www.cordcell.org.br/?gclid=COarZ_uZo-CFQFHFQody18q3w> Acesso em: mai. 2009.

pesquisa, funcionamento maquínico e não buscam a organização, explicação, mas potencializar a criação de pensamentos. O quê, como e quem transportam tais visualidades são perguntas que a maioria delas nos força a fazer. Perguntas que encontram nos sujeitos-olhares – que produzem, vêem, interpretam e se apropriam de imagens – as respostas. Nossos estudos e intervenções buscam outros *transviéses*.

Figura 02



Não interrogamos as imagens quanto a suas significações, nem ao que escondem, muito menos ao que representam. Não buscamos nas imagens as biotecnologias representadas. Fotolances clicados. Clicks que se espelham em multiplicidades nessa contemporaneidade das imagens, das simultaneidades, dos celulares sem células denunciando que a vida da imagem pode pulsar de outras vidas, como por exemplo, alunos e alunas do ensino médio que foram ao Museu da Imagem e do Som (MIS) de Campinas para assistir a lances. Fotografias em lances. Jogos de sensações. Que jogo não

seria sensacional? Que dado não se sente jogado? Ao mesmo tempo, a incessante, busca das imagens-sons embriagantes.

Para transversarmos pelas potências trans na divulgação científica passearemos por entre as invenções de uma performance teatral – “Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo” – que propôs um imenso jogo de enormes dados com o público-autor, nas ruas e no MIS e em eventos científicos e espaços culturais de Campinas. Dados que em suas faces apresentavam imagens e palavras e que convidavam o público a poemar futuros, humanos, biotecnologias, ruas, pensamentos, conhecimentos. Os atores lançavam: que palavra você levaria para o futuro dos humanos? Lance de jogo. Lance de dado.

Um jogo em que palavras que saíam nos dados eram misturadas às palavras dadas pelo público num imenso-intenso poema pintado em plástico. O futuro está dado? Se não está dado é jogo? Que regras in-ventar? In-tensões intensas em desestabilizar o “dado” – informação, determinação, jogo – que movimentam a maquinaria biotecnológica (revistas, jornais, pesquisadores, filmes, laboratórios, propagandas, conhecimentos, culturas). Com os registros da peça – imagéticos e sonoros – propusemos uma segunda intervenção, feita no Centro Cultural de Inclusão e Integração Social da Unicamp (CIS-Guanabara), que propôs aos visitantes experimentarem as biotecnologias pelas imagens, palavras, sons, vãos, cores, vidas, ventos. Expondo biotecnologias que se contaminam pelas ruas, por diferentes forças da cultura, que não conseguem e não querem ser uma voz sobre as outras, mas que entram no jogo de sobreposições de ruídos e sons da cidade. Sensações ao e-vento!

Consideramos o trabalho com diferentes linguagens nas intervenções decorrentes/pertencentes aos projetos aqui já indicados, e as pesquisas com imagens, uma das escolhas que gera fugas às formas como tradicionalmente as biotecnologias são divulgadas e que pretendem deflagrar jogos em que a potência da divulgação científica não ocorre pela comunicação-reconhecimento das ciências, mas em rupturas na linearidade entre o real e o que se vê, o que se imagina real, científico, e o que se pensa ver. Uma inserção nas imagens não pela busca do que e quem, mas pelas (in)tensidades de funcionamento. Como... como é que funcionam? (DELEUZE, 2006). As imagens, pensadas como “máquinas que nos constroem a pensar no jogo da representação” (AMORIM, 2007, p. 5), tornam-se mobilizadoras de uma busca

de produções por entre imagens e escritas que sejam capazes de deflagrar novos sentidos entre biotecnologias, arte, comunicação, vida e política. Buscamos captar/inventar nas produções/ análises das imagens a potência do que chamamos de *trans*. Potência de levar as ciências para além: dos seus limites; do que está dado; das fixações identitárias; das lógicas de oposição e exclusão; das políticas que se fundam na organicidade; e da ideia de funcionamento universal das ciências.

Interessa-nos pensar no que deseja a insistente aposta no estilo representacional das imagens e buscar espaçostempos “trans” para divulgação em nosso projeto. Pensar em uma des-sujeição das imagens e nas transgressões que tal ideia provoca a pensar-rescreverpesquisar. Especialmente neste texto, nos debruçaremos sobre a fotografia e em algo que tem movimentado nossas buscas. Uma fotografia *quase* sem fotógrafo. Uma fotografia quase sem espectador. Ex-pectador. Uma fotografia cujas relações olho-câmera-espectador não se fazem em continuidade, identificação e associação analógica. Uma fotografia em que o sujeito não se faz essência e fundamento da imagem. Uma fotografia que “se” vê fotografada quase sem fotógrafo. Uma fotografia que vê, que nos olha. Por isso, uma *fotouquasegrafia*.

Fotoquasegrafia em sentidos deslizantes em grafia que não grafa luz. Em luz que não ilumina a *photo*. No entanto, em momentos de divulgação científica deparamos, comumente, com uma foto (sem-quase-grafia) a marcar e fixar uma necessidade transcendente de um sujeito necessário para que ela “aconteça”. Como escapar desse “acontecimento” fotográfico que incorpora indícios para comprovação da realidade concreta do mundo, ligadas a um sujeito igualmente concreto e fazedor de fotografias, assim como a um sujeito que vê e atribui significados às imagens de acordo com seus conhecimentos e culturas? Como *transgredir* esse acontecimento que parece não ter nenhuma alternativa a não ser acontecer? Nossa vontade nesses *pensamentososcritas* é com o conceito deleuziano de *acontecimento* (DELEUZE, 2003), em que o filósofo francês apresenta as (im)possibilidades de previsão, fixação, comunicação de uma expressão que se expressa ao acontecer. Somente, e exatamente, nesse momento impreciso, efêmero, infinito. Acontecimento que “se” faz sem o “se”, assim como “se” expressa ao acontecer.

O que tais pensamentos – muitas vezes estranhos, e(s)(n)tranhados – poderiam contribuir com campos do conhecimento (por en-

tre imagem-fotografia-educação-divulgação científica) em que o sujeito-olho-narrador-autor se faz tão intenso? Vale a pena dizer que a des-sujeição a que nos referimos, e que queremos explorar, não é a anulação do fotógrafo, nem do espectador, do sujeito que produz imagens e do sujeito que vê/observa as imagens. O sujeito a que nos referimos, e que nos interessa desestabilizar, é aquele que se faz impregnado na imagem, como marca que impede outras possibilidades de *encontroescritapesquisa* com/pelas/nas imagens, que impede a proliferação de sentidos.

Entendemos que o *quase* abre brechas na fotografia – excessivamente impregnada de marcas; marca de um tempo vivido, marca de um dado olhar, de uma representação dada – para o transgredir, erupção de uma tensão. Um *quase* que cria uma tensão, um espaço vazio de movimento que é menos o apagamento total do olhar de um sujeito que fotografa e observa, e mais o desejo de um entre disjuntivo que se dá nas superfícies da imagem. Um *entre* pela superfície da imagem que desestabiliza as marcas.

“A linguagem, para Deleuze, não se faz como comunicação dos sentidos dos encontros que temos com seres e coisas, mas como uma disjunção: uma síntese disjuntiva do acontecimento, e é esta diferença que faz sentido (ZOURABICHVILI, 2004, p. 16). É como se o acontecimento nascesse dentro da própria impossibilidade da imagem reter sentidos, uma fissura comunicativa que movimenta a criação de sentidos que não se fixam” (WUNDER, 2008, p.69).

Em seus estudos com Bacon, o filósofo Gilles Deleuze (2007) explora essa tensão: Bacon não fica “sem figuração”, mas inventa um funcionamento maquínico da figura (completamente desfigurada, *transfigurada*) sem a ideia da abstração da arte moderna, sem a abstração que marca as imagens que circulam de células-tronco (fotomicrografias), por exemplo. Essa a potência, da *fotoquase*grafia, uma figura que carregamos – que nos carrega – e que nos deixa à espera por *um acontecimento*.

“Uma aposta em libertar forças próprias das imagens, em que o deslocamento da centralidade do sujeito, do organismo, da visão se amplifica e repercute pelos fragmentos, pela vida inorgânica que irrompe, pelos dismantelamentos que impedem totalizações e atribuições a um sujeito” (DIAS, 2008, p.35).

Propostas que encontram ressonâncias em *transversos* de um poema feito com os dados em miniaturas, imagens e palavras por um visitante da instalação que organizamos – “Num dado

2. Disponível em: <<http://www.labor.unicamp.br/biotecnologias/calçada.html>>
Acesso em: mai. 2009.

e-vento: biotecnologias e culturas em texturas, vãos, sombras, cores, sons...” – e postado no blog do Calçadão da *homepage* do *Biotecnologias de rua*²:

“ser um, ser uma, ser outro
ser quem?
não ser sendo
sendo outro, mas apenas um”



Figura 03

Apostamos em outras possibilidades de entender e pesquisar o que comumente se denomina divulgação científica e investimos na produção de sentido nas superfícies, expressão expressa em acontecimento, acompanhando a filosofia de Gilles Deleuze. Escorregões, deslizos, *transversos*, *transversões*, *transfigurações*, *transgressões* por profundidades imaginárias. Deslizos. Descentramento da necessidade de uma linearidade temporal para produção e divulgação de conhecimentos. *Trans*-formações que ressoam em nossas formas de pensar nas/com/pelas imagens-biotecnologias. Escapar desta linearidade que organiza o antes – momento da produção da imagem – e o depois – momento em que a imagem é vista – dentro da lógica da continuidade, de uma comunicação controlada e estável. Uma busca de estéticas que possibilitem a subsistência de um tempo próprio da imagem, sem o desejo de fixar o antes (significações do fotógrafo) e o depois (significações do espectador), mas aberto ao deslize constante que se dá na superfície escorregadia das imagens: em cores, sombras, texturas, adensamentos, repetições, composições...

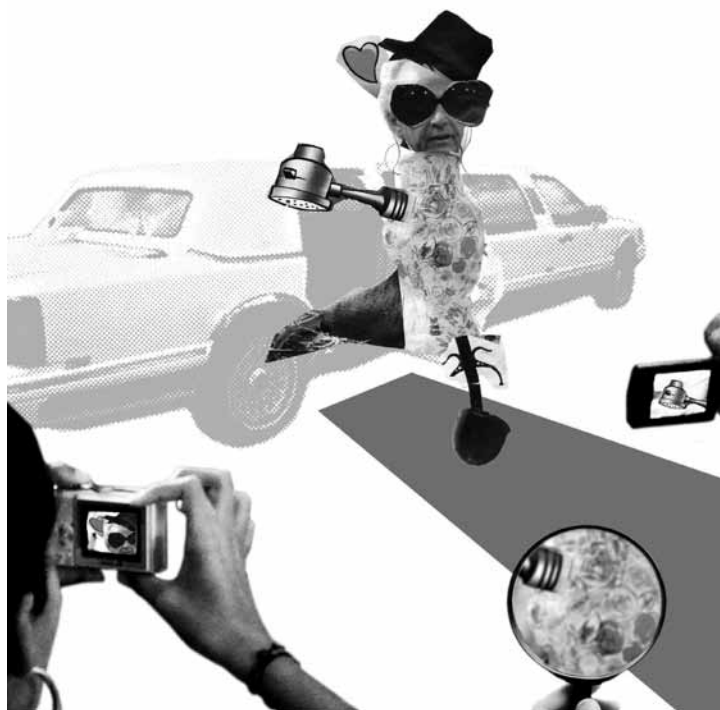
Instalação 2: Um futuro poema (ou “Tu és pó e ao pó reverteres”³, po-vertendo)

Jogos dados. Poeirar? Dados em jogo. Pó verter? Fotografias de fotografias de fotografias de fotografias... Alunos e alunas assistem e insistem em jogar os dados do futuro. Pessoas nas ruas assistem à peça e insistem em jogar dados-palavras-imagens, doar dados-palavras-imagens. Mas o futuro nos é dado? Ou é pó? Dado é jogo? Nas fotografias produzidas no decorrer do projeto deslizamos por entre os jogos, a encenação, os momentos. Fotoquaselances de dados, instantes que impedem demarcações prévias, previsões de garantias de acertos conceituais, morais, éticos, mas que se proliferam singularmente na própria repetição e nos convidam – pelo jogo de cores, pelas texturas, pelas composições improváveis numa mesma superfície – a tensionar a ideia da fotografia apenas como registro do lance que foi, da peça que aconteceu, do jogo nas ruas e lança fotos-registros-peça-pesquisas para além.

A invenção das imagens fotográficas, e da escrita com imagens fotográficas, inseriu os projetos que fazemos parte, e mesmo nossas pesquisas, em novos fluxos e velocidades.

O recorte, o *zoom*, as montagens, variações e dispersões. O que as fotografias espalharam, espalharam, adensaram, desmorona-

3. Verso do poema *PÓ* da autoria de Beto Brasiliense que Oswaldo Montenegro musicou no CD “*Letras brasileiras*”



*Figuras 04 e 05
Fotomontagens de Fernanda
Pestana realizadas para
as cartas do jogo
Bios-tecnos-dados, disponível
em: <[www.labjor.unicamp.br/
biotecnologias/calcedao.html](http://www.labjor.unicamp.br/biotecnologias/calcedao.html)>*

ram? Pó? *Pixels*? Dados soltos. A busca por uma fotografia que quer soltar, lançar, jogar dados. A cada soltura, lance, jogo, a escrita-pesquisa também quer jogar-se e permitir-se ao vôo cego. Um mergulho que expõe uma busca por desestabilizar a divulgação científica, com as imagens através da lógica da comunicação-reconhecimento das ciências. Fazer do fotografarescreverpesquisar a invenção, a cada vez, de um tabuleiro ilimitado, infinito, em que as peças do jogo se movimentam em qualquer direção, afirmam quaisquer combinações e, também, não hesitam em desafirmar. *Fotoquaselances* que efetuam um movimento, um *transbordar*, um lançar-se em várias direções e buscar lances que não são pontos de vista sobre um mesmo fato, versões de um fotógrafo sobre uma mesma peça, leituras de um espectador sobre um mesmo jogo. Potência de afirmar a multiplicidade da realidade-peça-jogo, que não submete a vida a nenhuma forma de transcendência, de transcrição. Lançar *transversos* aos ventos. Aos mares. Ao sol. “Vem do sol o que queima e as cores, amanhã o teu pó serão flores”⁴.

O desafio de afirmar o acaso no soltar os dados-fotoquasegrafias-escritas, desmoronando as possibilidades de remetê-las à mutilação da associação com um conjunto de prováveis, operação que marca a maquinaria biotecnológica. Libertar, por intermédio de cada frágil combinação, “uma potência de vida que se afirma, como uma força, uma obstinação, uma perseverança no ser sem igual” (DELEUZE; PARNET, 2004, p.16). de . Que potências terríveis a partícula “de” poderia detonar nos projetos? Não sabíamos de antemão, embora soubéssemos.

“Ressonâncias e(m) possibilidades pela arte, poesia, fotografia, teatro na proposta de espalhamento: que divulgação pulsaria nem da rua nem das biotecnologias, mas no entre, desde dentro da partícula de, despojada de conexões, opiniões, representações, fixações? (ANDRADE et al, 2008).

Instalação 3: “Memória do moderno”

“A poesia precisou que o poema depusesse os paramentos [das imagens para que o poeta tentasse a cada lance a grande aventura] da linguagem”. (VOGT,2008, p.161)

E, entre, que, querer, outro, outra, tão, um, uma. A escolha das palavras que junto com as imagens comporiam os dados nos

4. Verso do poema *PÓ* da autoria de Beto Brasiliense que Oswaldo Montenegro musicou no CD “*Letras brasileiras*”

mobilizou a pensar nos jogos de (sem)sentidos que se dão entre palavras e imagens. As palavras foram pensadas de modo a não significarem as imagens, antes criarem nelas uma suspensão da significação já dada, nas imagens, nos dados. Abertura de brechas, vazios, nas imagens-palavras-biotecnologias-divulgações para a proliferação de (sem)sentidos cuja efetuação se dá no possível encontro com o público. Jogos de vazios. Jogos que nunca se fecham, que abrem à variação infinita. Como a variação infinita afetaria imagens-ruas-bios-tecnos-logias? Para José Gil a comunicação, que ele chama de “osmose estética”, pode ser entendida como “a transferência e mistura de vazios” (GIL, 2005, p.29). Vazios que impedem o preenchimento, a completude, a totalização. Vazios que abrem às tensões, permitindo uma circulação infinita de forças, fluxos, conhecimentos: “em que possível se reúne ao infinito” (GIL, 2005, p.32). Uma aposta política de que a relação entre imagens, ciências e público teria uma potencialidade distinta nas fugas ao reconhecimento e identificação das biotecnologias. Uma política que se faz nas maneiras de lidar com as palavras e imagens das biotecnologias, menos preocupadas com o que elas podem ensi(g)nar – marcar – e mais atenta aos espaços vazios, aos sopros indecifráveis e improváveis de sentidos que por entre elas se fazem.

Figura 06



Entre outro(a) criança artista. Público. Criação. Futuro dado? Fotografia dado? Dá-se na fotografia outros momentos, *Num dado momento*, numa dada fotografia. Jogos que não são de palavras, mas de (sem)sentidos, de experiências, de luminosidades. Lances em que fotografias e palavras pescam pelas superfícies luminosas não-palavras. *Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a* (LISPECTOR, 1973, p.23). Inscrição. No caleidoscópio das jogafias. Escritas e(m) jogo: *Variação e dispersão pelos interstícios da repetição (...)* *Retrato que se adensa e explode, se dispersa e é esquecido, deformado ao atravessar a superfície e sublimar o/a retratado* (ANDRADE, 2006, p. 97). Retratado dado. Trato do dado. Dado em traço. Traçado. Trans-ado.

Instalação 4: “Posso ser o que você quiser gatão”⁵

“As células tronco ganham seu espaço”, diz a charge em que uma célula “comum” pergunta a uma célula-tronco: “quem é você?”. “Posso ser quem você quiser gatão”, responde a célula-tronco.

As imagens – e as fotomicrografias de células-tronco, em preto e branco, ou coloridas, são apenas um exemplo – estão sendo povoadas das mais diversas significações e são usadas nos mais diversos tipos de textos desde matérias jornalísticas em prol do uso ou que levantam polêmicas, até nos sites dos laboratórios, nos blogs didáticos de professores e editoras etc. Imagens repletas de clichês, imagens clichês e que não permitem a proliferação de sentidos, antes um preenchimento de significações⁶. Para Deleuze, se por um lado a imagem está sempre caindo na condição de clichê por organizar e induzir encadeamentos, por outro lado, ao mesmo tempo, a imagem está sempre tentando atravessar o clichê, sair dele (1990, p.31). Sugere que, para arrastá-la fora deste terreno do comum, seja importante habitá-lo. “A nova imagem deve rivalizar com o clichê em seu próprio terreno” (1990, p.33). Buscar o que foi subtraído e acrescentado para torná-la “interessante”⁷, bela e aberrante ou, ao contrário, esvaziando-a. “Fazer buracos, introduzir vazios e espaços em branco, rarefazer a imagem, suprimir dela muitas coisas que foram acrescentadas para nos fazer crer que viamos tudo” (DELEUZE, p.32, 2006). Ins-talar-se? Estalos momentâneos de expressão, uma ex-pressão sobre a existência (e necessidade) de preenchimento da imagem através de um conteúdo, de uma interpretação.

5. Charge de Diego Carvalho. Disponível em: <http://meunilab.blogspot.com/2008/06/clulas-tronco.html>. Acesso em: mai. de 2009.

6. A esse respeito ver os estudos de Antonio Carlos Rodrigues de Amorim expostos na matéria “Percepção ambiental é povoada de imagens-clichê”. Revista *Com-Ciência*, 10/02/2009. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=3¬icia=521> Acesso em mai. 2009.

7. A pesquisa de iniciação científica feita pelo aluno Thiago La Torre no projeto, sob orientação do professor Antonio Carlos Rodrigues de Amorim (Faculdade de Educação, Unicamp), destaca que as imagens utilizadas pelas e para as biotecnologias têm uma pós produção que valoriza o desejo e sensações, encontrando-se com obras publicitárias. Que vontade teriam tais imagens-biotecnologias?

Convidar a invasão dos funcionamentos maquínicos – máquina que não é figurativa, narrativa. Propor maquinações em criações de rotas de fuga numa produção de conhecimento, de pensamentos nas dispersões do entre. pulsantes que não requerem uma coesão, um consenso, não as imagens a com-textos de coerência, significados, representações.

“(…) Destituir as imagens de bom senso e do senso comum, das classificações e apostar na proliferação e produção de sentidos atribuídos pelo non sense. Abolir a comparação do mesmo e desejar o maquínico na produção do diferentemente diferente, que se desfaz e assume o fora, a diferença pura atravessante da superfície da imagem. Ecos, ruídos, movimentos estáticos das figuras como propõe Gilles Deleuze (2007) para as pinturas de Francis Bacon. Pulsações em movimentos políticos. Funcionamento. Isso funciona, e como é que isso funciona? (DELEUZE, 2006, p. 16)” (ANDRADE e SPEGLICH, p. 256-7, 2008).

Devolver a percepção às imagens, arrancando-as da mera representação, da expressão de estados de corpos e transferindo-as para o plano das sensações. Possibilidades de que as imagens – fotografias e fotomontagens – sejam sentidas como coisas do mundo, como na leitura de Ranciére (2000) para as imagens do cinema pensadas por Gilles Deleuze: “Não é nem o olhar, nem a imaginação, nem a arte que constitui as imagens. A imagem não foi constituída. Ela existe por si. Ela não é uma representação do espírito. Ela é matéria-luz em movimento” (RANCIÈRE, 2000, p.5).

Referências Bibliográficas

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Fotografia, som e cinema como afectos e perceptos no conhecimento da escola. In: *Teias*. Rio de Janeiro, ano 8. n. 15-16, jan-dez 2007.

ANDRADE, Elenise Cristina Pires; SPEGLISCH, Érica. ETD – *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 9, n.esp., p.253-261, out. 2008.

ANDRADE, Elenise Cristina Pires et al. O dado prega uma peça na divulgação científica. *Anais 2º Ciantec*. PGEHA – Universidade de São Paulo; PPGEAHC – Universidade Presbiteriana Mackenzie; DCA – Universidade de Aveiro. 2008

ANDRADE, Elenise Cristina Pires. *A superfície ex-cri(p)ta em professores e professoras: curri, corre, colares, dores simulando silêncios ensurdecedores*. 2006. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP.

DIAS, Susana Oliveira. *Papelar o pedagógico... escrita, tempo e vida por entre imprensas e ciências*. 2008. 219p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas-SP.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Estudos; 35/dirigida J. Guinsburg).

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

GIL, José. As pequenas percepções. In: LINS, Daniel, Org. *Razão nômade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. pp.19-32.

LISPECTOR, Clarice. *Água-viva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

RANCIÈRE, Jacques. *De uma imagem à outra? Deleuze e as eras do cinema*. Trad. de Luiz Felipe G. Soares. Intermídias, Vitória-ES, Ano 4, no. 8, 2000. Disponível em: <<http://www.intermidias.com>>.

SUSANA OLIVEIRA DIAS

Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), editora da revista *Com-Ciência* e coordenadora do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Labjor-Unicamp.

E-mail: susana@unicamp.br.

ELENISE CRISTINA PIRES DE ANDRADE

Mestre e doutora em educação pela Faculdade de Educação da Unicamp. Professora do Departamento de Ciências Biológicas, área de Ensino de Biologia, Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). Pesquisadora do Labjor-Unicamp e pesquisadora convidada do Grupo OLHO – Laboratório de Estudos Audiovisuais da FE-Unicamp.

E-mail: nisebara@uol.com.br.

ALIK WUNDER

Mestre e doutora em educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é professora da Universidade Estadual Paulista (Unesp – Campus Rio Claro) e pesquisadora associada ao Grupo OLHO – Laboratório de Estudos Audiovisuais da FE-Unicamp e ao Labjor-Unicamp.

E-mail: alik.wunder@gmail.com

CARLOS VOGT

Poeta, linguista e coordenador do Labjor-Unicamp. Foi reitor da Unicamp (1990-1994), presidente da Fapesp (2002-2007) e, atualmente, é secretário de Ensino Superior do Estado de São Paulo.

E-mail: cvogt@uol.com.br.